

Uma breve cartografia da arborização nas calçadas de rua em Cuiabá: o caso dos bairros Jardim das Américas e Araés.

Elisa Pagliarini Cox
Professora Doutora, UFMT, Brasil
elisapcox@gmail.com

RESUMO

Árvores topiadas e com podas drásticas se tornam cada vez mais comuns em calçadas de Cuiabá-MT e chamam a atenção tanto pela sua uniformidade e simetria, quanto por resultarem em ambiente inóspito, numa cidade com temperaturas muito altas o ano todo. Este fenômeno vai na contramão de estudos que demonstram o quanto a arborização das vias públicas é fundamental na composição do verde urbano, indispensável à qualidade ambiental e, conseqüentemente, à qualidade de vida dos cidadãos. Assim, este artigo tem por objetivo compreender a forma como o fenômeno de arbustificação e (des)arborização de calçadas de rua se materializa espacialmente na cidade de Cuiabá-MT. Para isso, busca-se, através de um mapeamento *in loco* da arborização em calçadas de rua de dois bairros – um tradicional e outro novo, descrever a configuração espacial desse fenômeno, levando em conta suas relações com o tipo de uso das edificações, com o perfil socioeconômico do local, com o histórico do bairro, e etc. Através do mapeamento observa-se que as árvores topiadas aparecem mais intensamente nas calçadas em paralelo com a verticalização dos bairros e próximas também de áreas de comércio e serviços. Observa-se ainda que tais árvores são percebidas pela população local como um sinal de distinção e status, levando a prática da topiaria a ser imitada e adotada por boa parte dos moradores de Cuiabá, apesar de o calor escaldante da cidade e o bom senso pedirem o plantio e a manutenção de árvores frondosas.

PALAVRAS-CHAVE: Arborização urbana. Poda drástica. Cartografia da arborização.

1 INTRODUÇÃO

O estudo apresentado neste artigo é um recorte da tese de doutorado “Arbustificação e (des)arborização de calçadas de rua em Cuiabá: uma tendência da sociedade urbana”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo – PROURB, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Descreve-se, nesse recorte, o fenômeno de “arbustificação” nos bairros Araés e Jardim das Américas na cidade de Cuiabá/MT, levando-se em conta aspectos como formação, localização, perfil socioeconômico e função, tidos como fundamentais para a compreensão da questão investigada.

Para a compreensão da temática que esse artigo pretende explorar é necessário retomar a inquietação inicial que motivou essa tese. A inspiração para o estudo começou com a observação casual de uma tendência contemporânea na arborização de ruas de um bairro cuiabano – o Jardim das Américas – habitado por pessoas originárias da classe média alta ou alta. Tal bairro, originalmente caracterizado pelas residências unifamiliares, vem passando por um acelerado processo de verticalização. Numa razão proporcionalmente inversa, as árvores têm se encolhido à medida que as edificações crescem. Observava-se igualmente que essa tendência se alastrava pela cidade, alcançando bairros tradicionais, caracterizados, outrora, pela abundância de árvores frondosas nos quintais. Enfim, era impossível não notar que à medida que as construções baixas são substituídas por arranha-céus, árvores frondosas existentes nas calçadas são submetidas a podas drásticas que reduzem a dimensão de suas copas, alteram sua forma e estrutura e, não raro, as deformam. Ou são substituídas por espécies, a exemplo do *Ficus benjamina*, que favorecem o uso da técnica da topiaria, sobremaneira da topiaria geométrica. Embora um exemplar de *Ficus* possa atingir 30 metros de altura e 40 de diâmetro, podado e modelado pela técnica da topiaria, ele é, nessas calçadas, mantido nas dimensões de uma arvoreta ou arbusto, em forma de cubo, cilindro, esfera, semiesfera, dentre outros sólidos geométricos.

Se, por um lado, as árvores topiadas chamam a atenção pela sua uniformidade e simetria, por outro, elas também chamam a atenção por resultarem em ambiente inóspito, numa cidade com temperaturas muito altas o ano todo, como é o caso de Cuiabá. Nunca se

avistam pessoas ou animais sob a diminuta sombra de tais árvores. Ao contrário, as sombras das grandes árvores, sobreviventes desse processo de explosão imobiliária e consequente verticalização do ambiente urbano, são disputadas por vendedores ambulantes, trabalhadores do setor de serviços que aguardam a hora e a vez de serem atendidos pelos condôminos, meros transeuntes desejosos de um pouco de frescor na pele ardente, crianças brincando, moradores com seus animais de estimação, dentre outros transeuntes que circulam nas calçadas das vias públicas.

Estudos têm demonstrado fartamente o quanto a arborização das vias públicas é fundamental na composição do verde urbano, indispensável à qualidade ambiental e, conseqüentemente, à qualidade de vida dos cidadãos (MASCARÓ, 2002; MILANO & DALCIN, 2000; KAPLAN, 2001). É extensa a lista dos aspectos positivos atribuídos à arborização urbana. Como já reconhecido por vários estudos, a arborização promove a estabilização microclimática e a redução das ilhas de calor (MCPHERSON et al., 1997; CORBELLA & YANNAS, 2003; COX *at al.*, 2008; LOMBARDO, 1985; MONTEIRO, 2003; MAITELLI *at al.*, 2004); restringe a poluição atmosférica, através da retenção de até 70% de material particulado em suspensão (MASCARÓ, 2002; PRIMAVESI *at al.*, 2007); diminui a poluição sonora (FANG & LING, 2005; HERRINGTON, 1974); produz sombreamento e protege contra a ação dos ventos (MASCARÓ, 2002; ROMERO, 2000 e 2001); fornece alimento, abrigo e local de nidificação para as diversas espécies da fauna silvestre; cria corredores ecológicos para a avifauna em geral (BRUN *at al.* 2007, LOMBARDO, 1990); auxilia no controle de enchentes e inundações à medida que favorece a drenagem das águas pluviais por meio da abertura de áreas permeáveis adequadas, abranda os problemas de erosão e assoreamento; melhora o ciclo hidrológico (BEZERRA & FERNANDES, 2000; BOLUND & HUNHAMMAR, 1999); agrega valor aos imóveis, através da qualificação ambiental e paisagística (WOLF, 2004; SERPA, 2008); produz efeitos benéficos ao equilíbrio mental e físico do ser humano, através da aproximação e contato com o meio natural (KAPLAN, 2001; WESTPHAL, 2003).

Tendo em vista tais aspectos, a arborização redobra sua importância quando se considera o clima da cidade de Cuiabá, classificado como tropical e úmido. A cidade é nacionalmente conhecida pelo seu calor escaldante e costuma ser referida pelos serviços meteorológicos dos jornais televisivos como “Cuiabresa”. Sua temperatura média anual gira em torno dos 32°C. Nos meses mais quentes, a temperatura máxima média chega aos 41°C e as máximas absolutas podem atingir os 46°C. Já a mínima média é de 19°C. Quando o sol queima a pele, todos procuram o refrigério da sombra de uma árvore, que é cada vez mais rara nas calçadas das vias públicas.

Essa tendência à redução da massa vegetativa das cidades não é legitimada nem pelo senso comum e nem pelas investigações científicas, que têm demonstrado incisivamente o quanto a arborização urbana, incluindo vias públicas, parques, praças e quintais, é indispensável à qualidade ambiental e, conseqüentemente, à qualidade de vida dos cidadãos. Logo, essa constatação justificou que uma pesquisa científica fosse realizada, a modo de compreender uma prática recorrente que parecia caminhar na contramão das características climáticas de Cuiabá.

Assim, o objetivo desse artigo é apresentar o mapeamento desse fenômeno de “arbusificação”, correlacionando-o a características e aspectos dos bairros observados. Esse mapeamento pretende possibilitar a compreensão espacial desse fenômeno, permitindo que

sejam analisadas suas relações com o tipo de uso das edificações, com o perfil socioeconômico do local, com o histórico do bairro, e etc.

Além do bairro Jardim das Américas, cujas mudanças visíveis em curto espaço de tempo inspiraram o estudo, elegeu-se também o Araés como caso-referência. A escolha do Araés, em contraponto ao recém-criado Jardim das Américas, se deve ao fato de ele ser um dos primeiros bairros residenciais de Cuiabá, atestado em registros cartográficos do século XVIII, mas que ficou fora da área de tombamento, estando, pois, sujeito a um intenso processo de reurbanização.

2 METODOLOGIA

Para o entendimento de como esse fenômeno de arbustificação e (des)arborização se apresentava espacialmente nas vias públicas dos bairros estudados, julgou-se necessário a realização de um mapeamento *in loco*. Esse mapeamento foi construído a partir de visitas e observações locais realizadas pela própria pesquisadora. Foram muitos dias de caminhada pelos bairros, munida de uma prancheta com um mapa da malha urbana, contendo informações sobre ruas, quadras e lotes. Nesse mapa, a pesquisadora marcava a presença de exemplares arbóreos na calçada, segundo três categorias definidas de antemão – árvores topiadas, árvores em estado natural e outras (categoria que compreende principalmente palmeiras, e arbustos ornamentais que não permitem poda no estilo topiaria). Além do registro da arborização, fez-se também levantamento dos usos dos lotes nos locais mapeados – condomínio vertical ou horizontal, residência unifamiliar, comércio, instituições (igrejas, escolas, etc...), praças, terrenos vazios e estacionamento. Os registros realizados durante esse mapeamento foram organizados com o auxílio do software AutoCad da empresa Autodesk. O software permitiu o desenho do mapeamento realizado juntamente com a criação de uma legenda de cores que facilitou a visualização e leitura dos dados registrados.

Conjuntamente com o mapeamento da arborização das calçadas dos bairros observados, foi realizada também uma descrição deles do ponto de vista de sua formação, localização, perfil socioeconômico, função, dentre outros aspectos considerados relevantes para a compreensão do fenômeno investigado – a situação atual da arborização das calçadas de rua. Para elaborar essa descrição foram utilizadas pesquisa bibliográficas, conversas com moradores, fotografias antigas e atuais.

Apresenta-se, a seguir, uma leitura comparativa dos mapas que cartografam a arborização das calçadas de rua, construídos a partir da observação *in loco*, como já dito anteriormente. Nelas, são identificadas as características – semelhanças e diferenças – entre os dois bairros, um de criação recente e outro tão antigo quanto a fundação de Cuiabá. A leitura dos mapas será oportunamente complementada pelo registro fotográfico feito durante a pesquisa de campo.

3 RESULTADOS

3.1 SOBRE O BAIRRO JARDIM DAS AMÉRICAS

O Jardim das Américas localiza-se na região leste da cidade de Cuiabá-MT e limita-se com a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e os bairros Pico do Amor, Areão, Jardim Leblon, Jardim Itália e Jardim Petrópolis. Seu perímetro é delimitado pelas avenidas Fernando Correia da Costa, Miguel Sutil e Archimedes Pereira Lima e pelo campus da UFMT. O loteamento e a implantação ocorreram no final da década de 1970 e início da de 1980. Sua implantação se deu em duas etapas. A primeira etapa ocupou parte do leito do córrego do Barbado, que foi desviado e retificado. Já a segunda etapa foi implantada sobre uma várzea, localizada às margens do referido córrego (GALDINO e ANDRADE, 2008). Para viabilizar o loteamento, foi necessário aterrar toda a área. Do terreno original sobrou, apenas, o trecho não retificado das margens do córrego que constituíam uma APP, mas que, com as obras de mobilidade da Copa de 2014, foi desmatada, em boa parte, para dar lugar a uma avenida. Com uma extensão de 110,70 ha, o bairro possui três praças, sendo que uma delas abriga uma igreja católica.

Por se tratar de um loteamento planejado, regular, o Jardim das Américas possui uma malha viária predominantemente ortogonal, com divisões de quadras bem definidas e lotes de dimensão padronizada. Devido à grande valorização que os imóveis do bairro tiveram nas últimas décadas, restam poucos terrenos vazios. Residencial por excelência caracterizava-se, inicialmente, pelas habitações horizontais unifamiliares, mas, no final da década de 1980 e começo da década 1990, o bairro viu surgir os primeiros edifícios multifamiliares, localizados nas proximidades da Avenida Fernando Correa da Costa. Hoje o processo de verticalização ainda continua concentrado nessa mesma região, porém já avança bairro adentro.

O adensamento populacional que acompanhou o processo de verticalização trouxe também para essa região do bairro um comércio variado, incluindo supermercados, shopping, cinemas, academias de ginástica, salões de beleza, clínicas e serviços de saúde, creches, padarias, restaurantes, escritórios de profissionais liberais, etc. Mais recentemente, o comércio se expandiu de modo significativo ao longo de toda a Avenida Brasília, principal via do bairro. Residindo no bairro desde 1990, foi impossível à pesquisadora não prestar atenção na redução significativa de sua massa arbórea, quer pela poda drástica de árvores de grande porte, quer pela sua remoção para transformar calçadas em estacionamento, quer pela não preocupação em substituir exemplares atacados por doenças ou arrancados por vendavais. Quanto mais altos os prédios, menores se tornam as árvores. Não se pode também deixar de observar que, apesar de ser um bairro novo e planejado, nem toda calçada segue o disposto pela legislação municipal, muitas são estreitas, não propiciando a presença de árvores de grande porte. Não é apenas em relação à largura que a legislação das calçadas é ignorada; ela é também ignorada em relação à construção das rampas e ao nivelamento dos trechos de um lote para outro, havendo entre eles grande variação de altura, a ponto de formar degraus. Apesar de ser um bairro planejado, de partir de um arruamento prévio regular, as calçadas na testada dos lotes exibem grande irregularidade, o que mostra que a preexistência de plano de urbanização não é garantia de que o desenvolvimento do bairro sairá conforme o “figurino”.

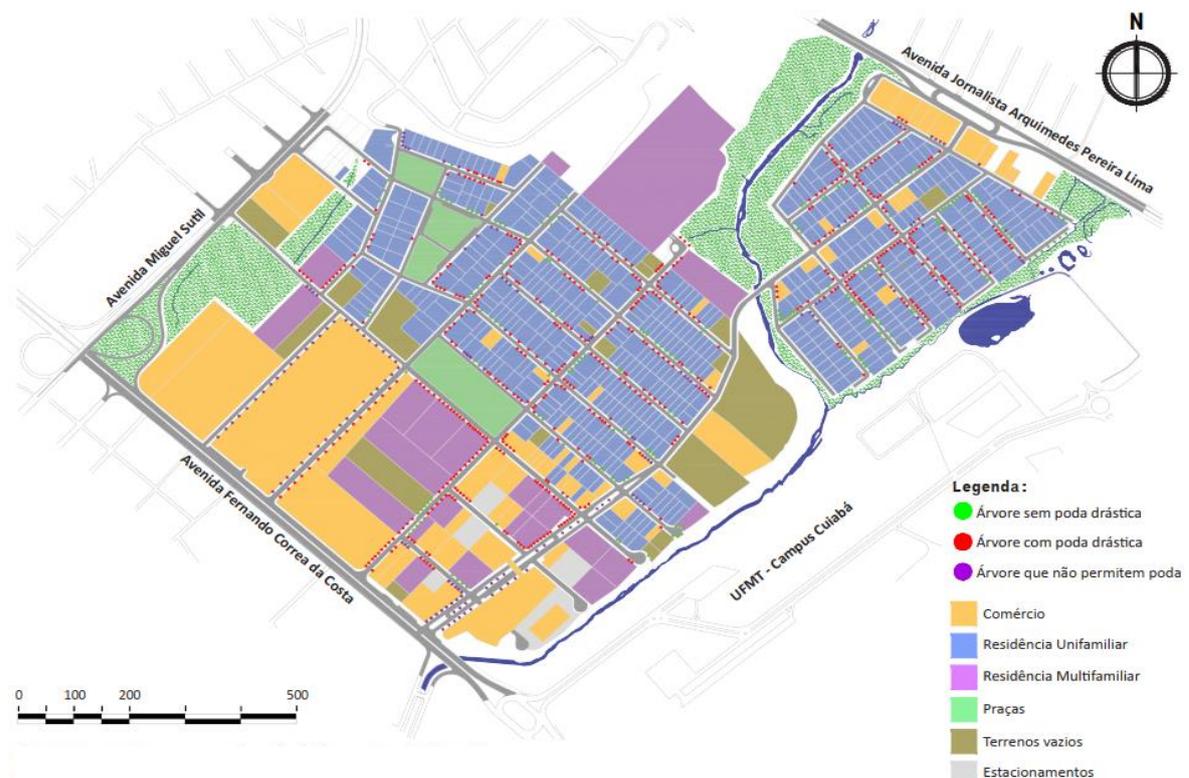
Pela sua localização privilegiada (proximidade com a Universidade Federal de Mato Grosso e com o centro da cidade) e pelas facilidades que oferece a seus moradores é uma das regiões mais valorizadas no mercado imobiliário da capital de Mato Grosso. De acordo com dados do Perfil Sócio Econômico de Cuiabá (2007), a densidade demográfica do Jardim das Américas é considerada média alta (entre 28,77 e 57,39 hab/ha). De acordo com o Censo

Demográfico de 2010, 3.851 habitantes vivem nos 1.437 domicílios, a maioria deles na condição de imóvel próprio. Entre os responsáveis pelos domicílios, a maioria tem mais de 15 anos de escolaridade, curso superior completo e renda considerada alta, uma vez situada na faixa de mais de 20 salários mínimos. Muitos dos moradores do Jardim das Américas são professores da UFMT que buscaram o bairro pela rapidez com que podem se deslocar de casa para o local de trabalho e vice-versa

3.2 A SITUAÇÃO ATUAL DA ARBORIZAÇÃO NO JARDIM DAS AMÉRICAS

O registro das árvores existentes nas calçadas, em mapa da malha urbana do referido bairro, contendo apenas informações prévias sobre ruas, quadras e lotes, levou em conta três categorias: árvores topiadas (marcadas no mapa com pontos vermelhos), árvores em estado natural (marcadas no mapa com pontos azuis) e outras, incluindo, principalmente, exemplares da família *Palmeaceae* (palmeira imperial, coqueiro, buriti etc.) e arbustos de diversas naturezas (marcadas com pontos roxos). A marcação dos pontos observou a localização das árvores em relação aos lotes, o que permite visualizar a distribuição dos exemplares ao longo das ruas. Nessa ocasião, cuidou-se também em anotar os usos dos lotes. Tais informações também foram registradas no mapa, conforme Figura 01, através das cores do preenchimento dos espaços: magenta (condomínio vertical ou horizontal), azul (residência unifamiliar), laranja (comércio), vermelho (institucional: igreja, hospital e escola), verde (praça e área verde), branco (estacionamento), marrom (lote vazio) e pontilhado de verde (APP).

Figura 01: Mapeamento do bairro Jardim das Américas



Fonte: Elaborado pela autora

Concluída a fase de inventário e cartografia da arborização nas calçadas de rua, é possível realizar uma leitura do mapa resultante desse processo, correlacionando o fenômeno ao contexto de ocorrência. No momento em que a pesquisa de campo foi realizada (segundo semestre de 2013), havia nas calçadas de rua do Jardim das Américas 926 árvores, assim distribuídas pelas três categorias: 561 árvores topiadas (60% do total); 198 árvores em estado natural (22%) e 167 outras (18%).

Esses indicadores confirmam a suposição de que a prática da topiaria é uma tendência amplamente instalada na arborização de rua do bairro, afinal, conta-se 60% de árvores topiadas contra 22% de árvores em estado natural. Se o inventário fosse realizado hoje, esses números seriam outros. Provavelmente, haveria uma redução do número total de árvores, bem como um aumento das árvores topiadas.

Circulando pelas ruas, a pesquisadora se deparou com arvoretas em forma de cilindro, cubo, esfera, semiesfera e abóbada. As arvoretas, aparadas e modeladas em tamanho e forma semelhantes, como se saídas de uma linha de produção em série, são distribuídas simetricamente pelas calçadas de condomínios verticais (imagem A da Fig. 02), criando paisagens homogêneas, uniformes, claras, prontamente legíveis. Diante das residências unifamiliares, essa uniformidade não é tão evidente; costuma haver uma variação de uma propriedade para a outra, segundo o gosto dos moradores, como também há extensos vazios sem qualquer exemplar de árvore, topiada ou não.

Figura 02: Imagem A: Homogeneidade das árvores topiadas em frente a um condomínio. Imagem B e C: árvores com troncos frondosos e copas topiadas.



Fonte: Acervo Pessoal

A topiaria parece ser um *habitus* de classe (BOURDIEU, 2007), instalado no jardim da Américas e em outros bairros de Cuiabá pelos paisagistas das incorporadoras e construtoras de condomínios verticais. Entende-se por *habitus* as práticas socialmente percebidas e reproduzidas; elas fazem parte do capital simbólico de uma fração de classe. Observou-se que as árvores topiadas começaram a aparecer mais intensamente nas calçadas juntamente com a verticalização dos bairros. Percebidas pela população local como um sinal de distinção, uma vez associadas a camadas sociais com alto poder aquisitivo, a prática passou a ser imitada e adotada por boa parte dos moradores de Cuiabá, apesar de o calor escaldante da cidade e o bom senso pedirem o plantio de árvores frondosas. Na altura em que são mantidas, as árvores topiadas deixam de projetar sombra tanto na calçada quanto no asfalto, por isso, não podem contribuir para reduzir a insolação direta, o que melhoraria o desempenho térmico e amenizaria o calor

local. Quer dizer, assim praticada, a arborização de rua perde suas funções relativas à qualidade do ar, do clima e do meio ambiente e assume um valor decorativo, ou seja, um valor simbólico, o da distinção social. A topiaria seria uma espécie de signo daquilo que é nobre, cultivado, envolvido por uma aura de “bom gosto”, contra aquilo que é natural, sem refinamento, pertencente à plebe. Grossos troncos de oitis, entre outras espécies, sustentando minúsculas copas topiadas, corporificam imagens bizarras e são signos das árvores frondosas que ali havia (imagens B e C da Fig. 02).

Como moradora do Jardim das Américas, há mais de 20 anos, a pesquisadora pode observar de perto as transformações pelas quais o bairro passa, acarretando uma redução drástica da arborização de rua. Era um bairro de residências unifamiliares, bem arborizado, mas o processo de verticalização, iniciado no final da década de 1980 nas imediações da Avenida Fernando Correia, produziu um adensamento populacional da região, tornando-a atrativa à instalação de vários tipos de serviços e comércio, e esse movimento não parou mais de modificar a vocação e a feição do bairro. Vive-se uma debandada geral de moradores de residências unifamiliares para condomínios verticais erguidos no próprio bairro (cor magenta no mapa da Figura 01) ou não e para condomínios horizontais criados em regiões próximas.

As antigas residências passam por reformas para abrigar estabelecimentos comerciais e serviços diversos (cor laranja no mapa da Figura 01). Muito raramente árvores adultas em estado natural sobrevivem a reformas que transformam o lugar de “habitar” em lugar de “trocar” mercadorias ou serviços. Elas passam a ser vistas como estorvo, pois interferem na visibilidade das fachadas dos estabelecimentos comerciais e prejudicam a eficiência dos dispositivos eletrônicos de segurança que incluem, invariavelmente, câmeras de vídeo. Por isso, são submetidas a podas drásticas ou mesmo extirpadas das calçadas, que passam a ser interpretadas como uma simples extensão da propriedade privada, podendo, portanto, ser abocanhada para a construção de estacionamentos para os clientes, como se atesta pelas imagens que compõem a Figuras 03, que mostram o antes e o depois de uma dessas mudanças em curso no bairro. Entre o direito do pedestre e o direito do carro, na sociedade urbana atual vence o direito do carro. Como afirma Lefebvre (1999, p. 27), ao falar do direito das pessoas à cidade: “O lobby do automóvel faz dele um objeto-piloto, do estacionamento uma obsessão, da circulação uma prioridade, comprometendo toda a vida social e urbana. Logo teremos de limitar os direitos dos automóveis”.

Figura 03: Antes e depois da frente de um estabelecimento comercial mostrando a retirada da arborização para implantação de um estacionamento



Fonte: Acervo pessoal

Se há uma correlação entre a topiaria e o sacrifício de árvores com o uso do solo, como vimos, o mesmo não se pode dizer do conflito com a fiação. Árvores topiadas ou a sua ausência podem ser observadas tanto do lado da rua onde há fiação quanto do lado onde não há. Não foram observados casos de poda em V para permitir a liberação dos fios, sem o comprometimento do tamanho da copa das árvores. Tal tipo de poda é bastante frequente em cidades com políticas públicas favoráveis à arborização viária. Pode-se citar o caso de Maringá-PR, uma cidade diligente com as árvores das calçadas de rua e canteiros centrais das avenidas, onde a poda em V constitui uma prática instituída e executada rotineiramente pela própria Companhia de Energia Elétrica (SAMPAIO & DE ANGELIS, 2006).

Um último aspecto a ser observado, embora não tenha sido alvo de pesquisa, é a presença reduzida de árvore dentro dos lotes. Essa escassez de árvores dentro dos quintais torna a arborização de rua imprescindível para a amenização do clima local e para a melhoria da qualidade de vida.

3.3 SOBRE O BAIRRO ARAÉS

O bairro Araés situa-se entre as regiões leste-oeste de Cuiabá. Limita-se com os bairros Baú, Consil, Centro Norte, Ipiranga e Quilombo e tem seu perímetro delimitado pelas avenidas Rubens de Mendonça, Miguel Sutil, Mato Grosso e Marechal Deodoro. É um dos bairros mais antigos de Cuiabá, pois, o “Plano da villa do Cuyabà na Cap.ta de Matto Groço”, esboçado em 1777, já sinalizava a presença do Arraial dos Araés.

É na primeira metade do século XX, que o bairro vive sua fase áurea de crescimento e desenvolvimento. O nome Araés seria uma outra designação para os índios bororo que viviam na região de Cuiabá e eram também referidos como coxiponés, araripoconés, coroados, porrudos. Esse nome sugere, pois, que o local onde bairro se desenvolveu seria um núcleo povoado principalmente pelos índios dessa etnia. Toda a historiografia a respeito da formação de Cuiabá faz referência à presença e à interação entre os bandeirantes e os bororo no início da colonização.

Fruto de um processo de povoamento irregular, sem planejamento prévio, a malha viária do Araés caracteriza-se pela presença de ruas estreitas e tortuosas, como é habitual nas cidades tradicionais. Se, nos bairros regulares, a rua é precursora do processo de urbanização, nos irregulares é o lote que define esse processo. Trata-se de um processo de crescimento aditivo, que resulta da “agregação de sucessivas iniciativas singulares no tempo” (DUARTE, 2002, p. 135). Ainda conforme Duarte (2002, p 143), são as primeiras edificações e as relações entre elas que configuram o traçado das ruas, com base na definição da fachada principal que antecipa a existência de um local de acesso. A fachada é a “face pública” das edificações, ligando os espaços internos e externos por meio de uma porta principal. As primeiras edificações funcionam, pois, como parâmetros para as que vêm depois. Em vista disso, o autor afirma que “A cidade tradicional se constrói [...] em simbiose com a arquitetura” (DUARTE, 2002, p. 144). Lotes, ruas e quadras são definidas pelo próprio uso.

As ruas do Araés acompanham o movimento do relevo, assim como os lotes. Quem percorre o bairro a pé, frequentes vezes se depara com ruelas e becos sem saída, bem como com vestígios de um outro espaço-tempo que não o do urbano em seu estágio atual, mostrando

uma forma de habitar que remete à era do agrário. Também é impossível não prestar atenção na forma de implantação de muitas das casas nos terrenos, uma vez que elas ficam num nível muito abaixo daquele das ruas, tendo suas janelas e até mesmo o telhado na altura do asfalto. Provavelmente, essa disposição é resultado de um processo de urbanização e pavimentação tardio, muito posterior à implantação das edificações nos locais onde se encontram. Nesse bairro é igualmente notável a presença, em extensos trechos de ruas, das casas de “enfiada” com passeios que não chegam a meio metro de largura, provavelmente isolados do leito carroçável no momento em que os automóveis começaram a invadir o espaço que era dos pedestres e dos meios de transporte de tração animal, cujas velocidades não eram incompatíveis. As imagens da Figura 04 ilustram tais peculiaridades do bairro Araés.

Figura 04: Imagem A: Formas de habitar que ainda remetem ao tempo do agrário, sem definições de lote.
Imagem B: Fachada das casas definido o traçado das ruas e quase inexistência de calçadas



Fonte: Acervo Pessoal

Embora o processo de descaracterização do bairro seja vertiginoso, ele ainda não conseguiu extinguir todos os traços de uma história de formação que vem sendo escrita há mais de dois séculos, como indicia a Fig. 04. Assim, pode-se pensar no tecido do bairro Araés como uma espécie de palimpsesto – onde as inscrições espaciais antigas são sucessivamente apagadas, para dar lugar a novas inscrições, sem aniquilar os vestígios da cidade tradicional.

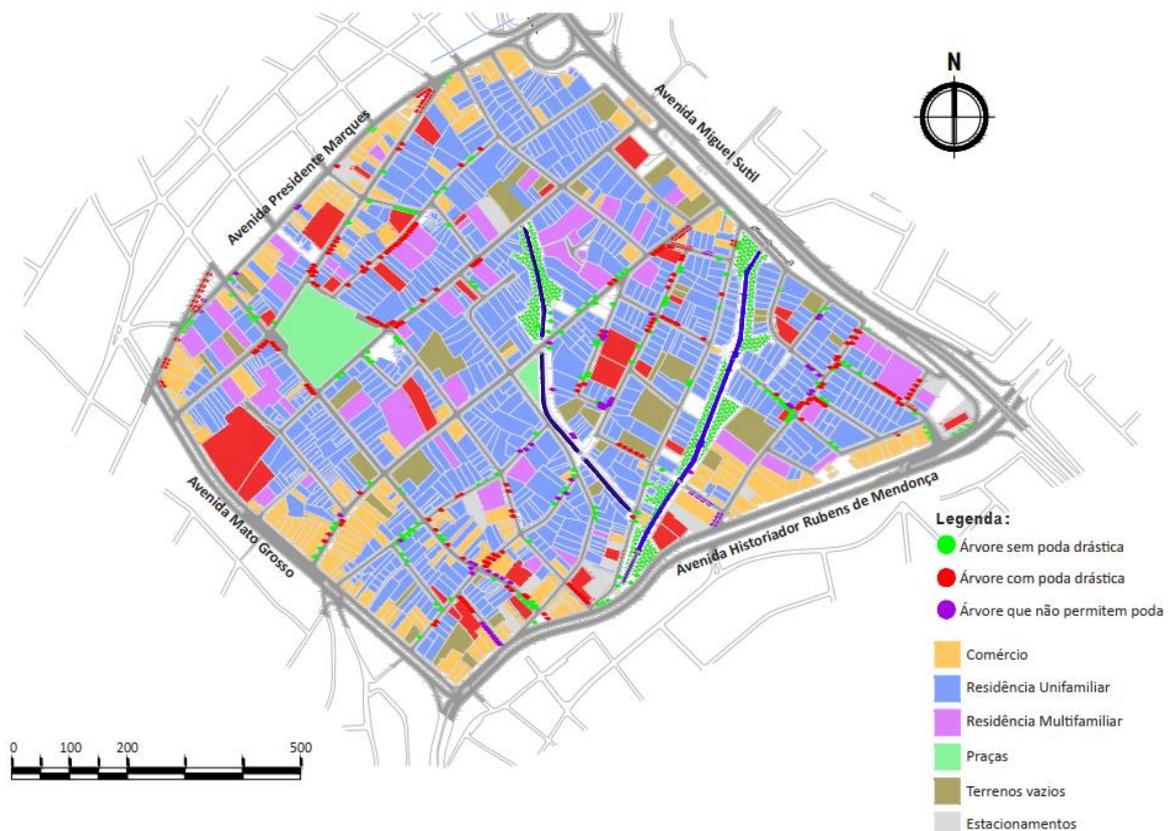
Até a década de 1970, era um bairro predominante horizontal, habitado por famílias das classes B e C, em sua maioria de origem cuiabana. Por não constituir área de tombamento, a região vem sofrendo muita intervenção. Tornou-se uma região cobiçada pelas incorporadoras para a construção de condomínios verticais, graças à sua proximidade com o centro. Segundo indicadores do Censo de 2010, vive no bairro uma população de 5.556 habitantes, residindo em 2.147 domicílios. Moradias modestas ocupadas por famílias das classes C e D contrastam com edifícios altos orientados para as classes A e B. A vizinhança com o Centro também o transformou numa área procurada para a instalação de hospitais, clínicas médicas e odontológicas, consultórios, academias, escritórios, bares, restaurantes, hotéis, lojas e instalações comerciais as mais variadas. O bairro conta ainda com escolas públicas e particulares e uma sede do Corpo de Bombeiros. Dispõe de apenas uma praça.

3.4 A SITUAÇÃO ATUAL DA ARBORIZAÇÃO NO ARAÉS

Para a pesquisa *in loco* no Araés, procedeu-se do mesmo modo que no Jardim das Américas, estando os resultados registrados no mapa da Figura 05. Vale observar, contudo, que o processo de investigação nesse bairro, pela sua configuração labiríntica, foi muito mais complicado e demorado, mas também muito mais instigante pelas paisagens inesperadas que se descortinavam ao olhar da pesquisadora, toldado pela visão do urbanismo moderno. Nem sempre o mapa prévio levado para o registro das árvores pôde funcionar como uma carta de orientação espacial segura, uma vez que o visto, não raro, correspondia mal ao cartografado no mapa prévio.

O mapa preenchido com as informações do Araés evidencia um número menor de árvores nas calçadas de rua, se comparado com o do Jardim das Américas. Foram contados 469 exemplares arbóreos no total, assim distribuídas pelas três categorias: 229 árvores topiadas (49% do total); 174 árvores em estado natural (37%) e 66 outras (14%). Esses resultados sugerem que a prática da topiaria na arborização de rua é uma tendência que está se disseminando por outros bairros de Cuiabá, até mesmo pelos mais antigos, ou seja, não é uma tendência concentrada nos bairros novos. Todavia, proporcionalmente, o Araés ainda apresenta um percentual maior de árvores em estado natural (37%) contra 22% do Jardim das Américas.

Figura 05: Mapeamento do bairro Araés



Fonte: Elaborado pela autora

O mapa também mostra uma distribuição desigual dos exemplares arbóreos ao longo das calçadas: há ruas onde se percorrem vários quarteirões sem que árvores sejam avistadas, assim como há ruas onde não se encontra sequer uma árvore em toda a sua extensão. Esse

rareamento da arborização provavelmente seja decorrente do processo de formação do bairro, como descrito na seção anterior. Muitas calçadas, separadas do leito da rua tardiamente, mal comportam os postes de fiação de energia, telefonia e de outros serviços de comunicação. Nelas, os pedestres são frequentemente obrigados a descer para rua para desviar dos postes. O Decreto 5.144/2012 que normatiza o não plantio de árvores em calçadas com menos de 1,50m de largura atinge boa parte da arborização das vias públicas do Araés, como pode ser observado imagem B da Figura 04.

Segundo a tradição colonial, os fundos de quintais é que eram a área destinada às árvores, principalmente às espécies frutíferas que, além de sombra para muitas atividades domésticas e brincadeiras de crianças, também completavam o fornecimento de provisão de alimentos às famílias. Percorrendo as ruas do bairro, observou-se que as árvores de grande porte, velhas mangueiras, cajueiros, abacateiros, pés-de-seriguela, são mais frequentes nas casas mais modestas. Às vezes, árvores topiadas presentes nas calçadas contrastam com as árvores frondosas presentes no interior dos lotes (Fig. 06).

Figura 06: Contraste entre as frondosas árvores dos quintais e as miúdas árvores topiadas das calçadas.



Fonte: Acervo pessoal

Diferentemente do que ocorre no Jardim das Américas, não há uma setorização clara dos usos do solo no Araés, excetuando-se pelas atividades comerciais (cor laranja no mapa) que se concentram mais nas proximidades das avenidas Mato Grosso, Rubens de Mendonça e Marechal Deodoro. Os condomínios verticais e horizontais (cor magenta) distribuem-se por todo o bairro, assim como os imóveis destinados ao uso institucional, tal como igrejas, escolas, hospital e Corpo de Bombeiros (cor vermelha). O bairro possui poucos lotes vazios (cor marrom), alguns deles servindo de estacionamento (cor branca).

Embora a configuração arbórea do bairro pareça aleatória, observa-se uma maior presença de árvores topiadas ou a ausência de qualquer tipo delas nas calçadas diante de estabelecimentos comerciais, institucionais e condomínios. Para garantir a visibilidade das fachadas dos estabelecimentos comerciais e a eficiência dos dispositivos eletrônicos de segurança, as árvores são submetidas a podas drásticas ou mesmo extirpadas das calçadas, que, não raro, também passam a funcionar como estacionamentos para os clientes.

Tal como no Jardim das Américas, a pesquisa mostra não haver, no Araés, correlação entre a prática da topiaria e a presença de fiação aérea sobre o topo das árvores. Ela se faz presente tanto do lado da rua onde há fiação quanto do lado onde não há. Do mesmo modo, não foram observados casos de poda em V para inibir o conflito com cabos e fios da rede elétrica, telefônica e de outros serviços urbanos.

Diferentemente do que ocorre com o jardim das Américas, a presença de árvores de grande porte dentro dos lotes ainda é abundante, embora seja previsível seu rareamento diante do cerco das incorporadoras para a aquisição de grandes lotes que permitam a construção de arranha-céus.

4 CONCLUSÃO

Os dois bairros se diferenciam profundamente do ponto de vista do processo de urbanização. Enquanto o Araés, um bairro cuja história se cruza com a fundação de Cuiabá, apresenta uma configuração irregular e heterogênea, exibindo ainda traços da paisagem e cultura urbana residual (COSGROVE, 1998), herdada do povoamento iniciado no século XVIII, o Jardim das Américas, um bairro de criação recente, apresenta uma configuração muito mais regular e homogênea, adstrita aos padrões dominantes do urbanismo moderno. Essa diferença no tocante ao processo de urbanização dos dois bairros pode justificar, por exemplo, a maior presença de árvores frutíferas nos quintais do Araés do que nos quintais do Jardim das Américas. Nota-se, pois, que é nas paisagens urbanas residuais (nas proximidades do trecho ainda não canalizado do Córrego da Prainha) que ainda se avistam árvores frondosas em pé nos quintais, contrastando com a sua quase inexistência nas ruas estreitas com as casas de “enfiada” rentes ao leito da rua, como de costume nas cidades coloniais.

Nas regiões do Araés mais modificadas pelo processo de reurbanização, comandado pela voracidade do capital imobiliário-financeiro, a pressão homogeneizante, apagando a memória do povoamento irregular tradicional inscrita na superfície urbana, se faz sentir mais intensamente. Nessas regiões, a tendência à arbustificação e à (des)arborização das calçadas de rua parece se instalar com tanta força quanto no Jardim das Américas, principalmente quando se trata das calçadas defronte a condomínios verticais ou a estabelecimentos comerciais e/ou de serviços. Nesse caso, há mais semelhança entre os dois bairros do que diferenças. Dessa forma, quanto mais avança em direção à sociedade urbana (LEFEBVRE, 1999), mais o Araés vai assumindo ares de uma paisagem dominante, na qual a natureza se torna uma presença vicária e reduzida a uma função puramente ornamental.

Diante da potência predatória do capital e do mercado imobiliário que não enxerga outra coisa que não a terra nua onde pode erguer mais um arranha-céu, as legislações municipais que regulam a arborização urbana de Cuiabá parecem inexistir, uma vez ignoradas e não “vistas” pelo setor de fiscalização.

Existe um descompasso entre o concebido pelas leis e o vivido pela população da cidade, uma desarmonia entre a organização idealizada para a arborização urbana e as práticas efetivas dos cidadãos. De nada adianta uma legislação amiga das árvores da cidade, se ela não passa de letra morta, se as práticas urbanas de arborização continuam a ser realizadas sem ordenamento e fiscalização.

Se “cada sociedade [...] produz um espaço, o seu espaço”, como afirma Lefebvre (2000, p. 40), então é preciso situar e compreender o tipo de sociedade em que o fenômeno observado – a (des)arborização das calçadas de rua de uma cidade brasileira com as temperaturas mais altas do país – avulta como um problema urbano a ser estudado. Que sociedade é essa? Trata-se da sociedade urbana do século XXI que vive o esplendor do capitalismo imobiliário-financeiro tendo como principal aliado o Estado. Afinal, o que valem algumas centenárias mangueiras diante da visão da terra nua onde pode crescer um arranha-céu para abrigar famílias abastadas? O que valem árvores de calçadas de rua defronte a residências que se transformam em estabelecimentos comerciais e precisam de estacionamentos para clientes? A perplexidade dessas indagações sugere que a tendência à desarborização das calçadas de rua é apenas uma das contradições da sociedade urbana atual que, tendo atingido a escala planetária, urgentemente precisa se rever, se não quiser precipitar a derrocada da vida na Terra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, M. C. L.; FERNANDES, M. A. (Coord.). **Cidades sustentáveis: subsídios a elaboração da Agenda 21 brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis; Consórcio Parceria 21 IBAM-ISER-REDEH, 2000. 155 p

BOLUND, P.; HUNHAMMAR, S. Ecosystem services in urban areas. **Ecological Economics**, v. 29, p. 293-301, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo/Porto Alegre: EdUSP/ZOUK, 2007

BRUN, et al. O emprego da arborização na manutenção da biodiversidade da fauna em áreas urbanas. **REVSCAU**, V. 2, N. 1, p. 117-127, 2007.

CORBELLA, O; YANNAS, S. **Em busca de uma arquitetura sustentável para os trópicos: conforto ambiental**. Rio de Janeiro: Revan/FAPERJ, 2003

COSGROVE, D. E. A geografa está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROZENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998, p. 92-123

COX, E.P.; MAITELLI, G. T.; FERREIRA, H. L. M. Influence des espaces bâtés dans la distribuiton de température de l'air dans la ville de Várzea Grande MT, Brésil. In: **XXI COLLOQUE DE L'ASSOCIATION INTERNATIONALE DE CLIMATOLOGIE**, 2008, Montpellier. Climats et risques climatques en Méditerranée. Montpellier: Université Paul-Valéry- Montpellier III, v. 1., p. 173-178, 2008

COX, E. P. **Arbustfcação e (des)arborização de calçadas de rua em Cuiabá: uma tendência da sociedade urbana**. [169f.] Tese (Doutorado em Urbanismo) – Programa de Pós Graduação em Urbanismo-PROURB, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

FANG, C.-F.; LING, D.-L. Guidance for noise reducton provided by tree belts. **Landscape and Urban Planning**, v. 71, p. 29-34, 2005.

HERRINGTON, L.P. Trees and acoustcs in urban areas. **Journal of Forestry**, v. 72, n. 8, p. 462-465, 1974
IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>> Acessado em 20 de maio de 2013.

KAPLAN, R. The nature of the view from home: psychological benefits. **Environment and Behaviour**, v. 33, p. 507-542, 2001.

LEFEBVRE, H. **La producton de l'espace**. Paris: Anthropos, 2000.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: EdUFMG, [1970] 1999.

LOMBARDO, M. A. **Ilhas de calor nas metrópoles**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1985.

LOMBARDO, M.A. Vegetação e clima. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ARBORIZAÇÃO URBANA**, Curitiba, 1990. Curitiba: FUFPEF, 1990. p.1-3. Disponível em < <http://www.webartigos.com/artigos/arborizacao-urbana/9812/#ixzz3JcFT5zq0>>. Acessado em 17 de fevereiro de 2013.

MAITELLI, G. T.; ZAMPARONI, C. A. G. P.; SOUZA, S. C. Mudanças de uso do solo e variações climáticas na Amazônia Mato-Grossense. In: **XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE METEOROLOGIA**, 2004, Fortaleza/CE. Meteorologia e Desenvolvimento Sustentável. Fortaleza: Sociedade Brasileira de Meteorologia, v. 1., p. 1-12, 2004

MASCARÓ, L. E. A. R. & MASCARÓ, J. L. **Vegetação urbana**. Porto Alegre: FINEP-UFRS, 2002.

MILANO, M.S. & DALCIN, E.C. **Arborização de vias públicas**. Rio de Janeiro: Light, 2000.

MONTEIRO, C. A. F.; MENDONÇA, F. **Clima Urbano**. São Paulo: Contexto, 2003.

PRIMAVERESI, O.; ARZABE, C.; PEDREIRA, M. S. **Aquecimento global e mudanças climáticas: uma visão integrada tropical**. São Carlos: Embrapa Pecuária Sudeste, 2007.

ROMERO, M. A. B. **Arquitetura Bioclimática do Espaço Público**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

ROMERO, M. A. B. **Princípios Bioclimáticos para o Desenho Urbano**. 2a edição. São Paulo: ProEditores, 2000.

SAMPAIO, A. C. F., DE ANGELIS, B. L. D. Análise de arborização de vias públicas de Maringá-Pr. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARBORIZAÇÃO URBANA, 2006, Maringá/Pr. **Anais...** Maringá: Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, 2006.

SERPA, Ângelo (Org.). **Espaços culturais, vivências, imaginações e representações**. Salvador: EdUFBA, 2008

WESTPHAL, L. M. Urban greening and social benefits: a study of empowerment outcomes. **Journal of Arboriculture**, v. 29, n. 3, p. 137-148, 2003.